

5. RCCJ - Você já produziu diversas ilustrações, que revelam o seu traço característico. Conte-nos um pouco de quais são seus planos futuros quanto ao teu trabalho como ilustrador.

Jhonatan: Creio que meu maior objetivo é que minha arte esteja por aí, indo ainda mais longe e chegando a lugares que eu nunca vou conhecer. A imagem tem um poder muito forte, e cada obra criada pode comunicar desde os mais simples até os mais complexos assuntos, da criança ao idoso, e em qualquer língua. Eu quero muito isso com minhas obras, quero contar histórias, ilustrar com significado, ter minhas cores acompanhando sonhos, trazer representatividade, mudança e questionamento. Como um bom ansioso, eu tenho várias metas anotadas, porque sonhar nunca é demais, entre elas: ter uma criação em algum filme ou documentário, colaborar com uma coleção de roupas, ilustrar para uma edição comemorativa de algum produto em nível nacional, ter charges em jornais, mas acho que no momento, o maior dos meus planos é ilustrar livros, e, se for especificar mais para o universo, livro infantil. Sou apaixonado por ver o aprendizado acontecendo e em buscar maneiras criativas de transmitir uma mensagem, de quebrar a cabeça flutuando entre as representações e significados, e criar material para as mais diversas interpretações dos receptores – ou dos minis receptores.



Fonte: Jhonatan Kallil Bernabé



Fonte: Jhonatan Kallil Bernabé

ENTREVISTA

Programa *Pontes para o mundo*: conectando horizontes

Entrevistados:

Maria Eduarda de Lima
Geovane Oliveira Cruz

Entrevistadoras:

Bárbara Carolina V. Boaventura (Editora-chefe RCCJ)
Dapheny Day L. Feitosa (Editora adjunta da RCCJ)



Fonte: Maria Eduarda, estudante do CED 104

1. RCCJ - Revista Com Censo Jovem: como começou a sua jornada de aprendizado da língua inglesa? Quais foram seus maiores desafios nesse processo de estudar inglês?

Maria Eduarda: Eu sempre gostei muito da Disney, principalmente das séries e filmes do Disney Channel, como Hannah Montana, High School Musical. Fui mais a fundo no inglês justamente para me aproximar das coisas que eu mais amava, que, consequentemente, era da língua inglesa. Então, eu li, escutei e falei bastante inglês no processo, e não fiz nenhum curso, por isso, acredito que o meu maior desafio foi me motivar e buscar diariamente os conteúdos necessários para a minha fluência.

Geovane: Quando eu morava no Núcleo Bandeirante, comecei estudando no CIL (Centro Interescolar de Línguas) do Guará II, pois não tinham vagas no CIL do Núcleo Bandeirante, onde estudei por menos de um semestre, até achar vagas no CIL do Núcleo Bandeirante, onde estudei por um semestre e meio, antes de ter que me mudar para o Recanto das Emas, pois havia acontecido de pessoas entrarem na minha casa e levarem algumas coisas, consequentemente tive que estudar no CIL do Recanto. Todas as vezes que eu troquei de CIL, tive que começar tudo do começo de novo, então eu estive no nível 1A umas três vezes no total. Nesse período, porém, eu não fiquei parado, gostava de buscar conteúdo em inglês em plataformas como o YouTube e Instagram. Ficar assistindo vídeos eram meus hobbies ou Vines em geral (nessa época a gente ainda usava Musica.ly) e isso foi uma das formas mais consistentes que eu aprendi o jeito que os estadunidenses falavam o inglês. Bem, no CIL

Recanto, estudei um ano inteiro até decidir fazer a prova de nivelamento, que me jogou lá para o 3B, a

moça que me avaliou me parabenizou, disse que eu tinha só mais um ano de curso para fazer. Então (com louvor), passei no segundo semestre de 2024.

2. RCCJ - Você foi um dos/das selecionados/as para participar do Programa Pontes para o Mundo, oferecido pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, que levou 100 estudantes para um intercâmbio cultural e linguístico de inglês no Reino Unido, no período de setembro a dezembro de 2025. Para você, o que representou ser selecionado para esse programa? Conte-nos um pouco de como foi esse processo.

Maria Eduarda: Ser selecionada para esse programa foi uma confirmação de que, quando confiamos no processo e damos o nosso melhor, as coisas realmente acontecem. Eu não tinha colocado muita expectativa por justamente eu não ter certeza se o meu inglês era bom o suficiente, então ser selecionada me mostrou que eu deveria acreditar mais em mim mesma e confiar no processo.

Geovane: Representou o resultado da minha luta. Bem, como dito antes, eu tive que me mudar muitas vezes, uma delas por roubo, mas eu nunca perdi a dedicação que eu tenho para ir além dos meus próprios sonhos: eu queria aprender inglês para ter mais facilidades em áreas como TI que envolvem mais a língua e consequentemente me dariam melhores portas no mercado de trabalho, mas nunca me imaginaria sair do Brasil



Fonte: Geovane, estudante do CED 104

Geovane Oliveira Cruz

Estudante no Centro de Ensino Médio 104 Recanto das Emas, 16 anos, morador do Recanto das Emas, Distrito Federal. Concluiu o curso de inglês em 2024 no Centro Interescolar de Línguas do Recanto das Emas. Um dos selecionados do programa *Pontes para o Mundo*. E-mail de contato: geovaneoliveracruz@gmail.com.

Maria Eduarda de Lima

Estudante do Centro de Ensino Médio 104 no Recanto das Emas, Distrito Federal. Uma dos selecionados do programa *Pontes para o Mundo*. Contato: legerduda@gmail.com

aos 16 anos para viver isso tudo, então isso está além dos meus próprios sonhos!

3. RCCJ - Como você imagina que o estudo do inglês e essa oportunidade de imersão podem contribuir para o seu futuro acadêmico e profissional?

Maria Eduarda: Um intercâmbio é como recomeçar a vida: estamos em um lugar novo, rodeados de pessoas diferentes e imersos em uma língua que, até então, só víamos superficialmente. Essa experiência representa um processo de reconstrução pessoal e de desenvolvimento de independência, paciência e compreensão — características essenciais para o futuro acadêmico e profissional.

Geovane: Bem melhor do que escutar alguém que fala inglês nativamente, que podemos fazer vendo vídeos, é realmente falar com essa pessoa, o que podemos fazer por meio de ligações em aplicativos como o Discord, mas agora você ir ao país deles, ter contato com a cultura dessas pessoas, saber os detalhes que normalmente não são notados a não ser pessoalmente, é outro nível. O Pontes para o Mundo, além de me proporcionar um sonho agora, pode me abrir muitos mais para além do projeto, para ser notado como “Ei, não é aquele menino do meio do Recanto que foi lá pra Inglaterra?” ou “Aquele rapaz já foi pro exterior antes dos 18, ele é bom!” e assim realizar mais sonhos que eu nem imagino ainda.



Fonte: Maria Eduarda, estudante do CED 104

4. RCCJ - Como estudante da rede pública de ensino do Distrito Federal, como você enxerga o papel do Centro Interescolar de Línguas (CIL) na sua trajetória e em conquistas como a seleção para esse intercâmbio?

Maria Eduarda: Não tive a oportunidade de estudar no CIL, mas convivo com colegas que participaram dessa experiência e foram selecionados para o programa. Percebo que eles têm mais facilidade e segurança no contato com a língua inglesa, o que é uma grande vantagem. Além disso, o certificado emitido pelo CIL é um diferencial importante para o currículo.

Geovane: O CIL agiu como um pontapé inicial para o meu entendimento no inglês, primeiro eu não sabia nada, depois eu sabia algumas coisas. Com esse pouco, eu fiquei interessado em saber mais, e assim, uma bola de neve. Acho que, se não fosse pelo CIL, eu não teria ido tão longe.

5. RCCJ - A Revista Com Censo Jovem é um veículo de iniciação científica que promove a publicação de textos científicos, como artigos e relatos de experiência. Considerando esse contexto e a força que a língua inglesa tem no mundo da ciência, como você acha que essa experiência de intercâmbio pode reverberar em produção de

conhecimento científico, e quem sabe, até em alguma publicação científica.

Maria Eduarda: A vivência no intercâmbio pode contribuir muito para pesquisas empíricas, oferecendo um olhar real sobre o que significa viver em outro país. Isso possibilita a disseminação de dados relevantes, tanto para quem deseja estudar no exterior quanto para aqueles interessados em reflexões científicas e culturais.

Geovane: Conseguimos muito mais acesso em conteúdos científicos normalmente em inglês, então, com essa motivação do Pontes para o Mundo com o inglês, mais pessoas interessadas na área científica (que de outra forma não entrariam em contato com a língua) entram agora com a faca e o queijo na mão, prontos para conhecer teorias, pensamentos e experimentos que ninguém nunca pensou e então, mudar o mundo com um lápis, uma borracha, um caderno e um professor, como nos inspira Malala.



Fonte: Geovane, estudante do CED 104